A COMPREENSÃO DE LEITURA NO IELTS: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DO PARADIGMA INFERENCIAL

Cristiano Gonçalves Araújo*
Adriana Silvina Pagano**

Resumo: A avaliação da competência de leitura no IELTS pauta-se por uma teoria de comunicação e de linguagem que se orienta por um modelo semântico de decodificação de significados em que o conhecimento prévio dos leitores não deve influir nas respostas (cf. IELTS INFORMATION FOR CANDIDATES, 2012). Este estudo busca investigar a avaliação da leitura neste modelo de código, a partir do paradigma inferencial da teoria da relevância de Sperber e Wilson (1995). Para tanto, foi realizado um experimento com 7 (sete) sujeitos, que responderam a uma questão de leitura do IELTS referente à identificação de informações como *sim*, *não* ou *não dado*. Os resultados apontam que o processo de compreensão textual não se encerra com a decodificação do texto, mas envolve também o enriquecimento inferencial das proposições.
Palavras-chave: Teoria da relevância. Pragmática. Avaliação de leitura.

Abstract: Reading assessment in IELTS is based on a theory of communication and a theory of language oriented towards a semantic model of meaning decoding in which the prior knowledge of the readers should not play a part when deciding on their answers (cf. IELTS INFORMATION FOR CANDIDATES, 2012). This paper aims at investigating the reading assessment in this code model departing from the inferential paradigm of Sperber e Wilson's (1995) relevance theory. To do so, an experiment with 7 (seven) subjetcs was carried out. They answered an IELTS question related to identifying information as *yes*, *no* or *not given*. Results show that the process of

* Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da Profa. Dra. Adriana Silvina Pagano. Professor do Colégio Militar de Salvador. Endereço eletrônico: cristianoaraujomil@gmail.com

** Professora Associada da Faculdade de Letras da UFMG. Endereço eletrônico: adripag@gmail.com

textual comprehension does not end with text decoding, but it also involves the inferential enrichment of propositions.
Keywords: Relevance theory; Pragmatics; Reading assessment.

1 Introdução

A avaliação da competência de leitura em língua estrangeira, realizada por meio de testes padronizados que buscam aferir o nível de proficiência de indivíduos com diferentes propósitos, pauta-se por teorias e concepções de comunicação e de linguagem nem sempre explícitas para aqueles que, de alguma forma, tenham interesse nesses testes. Comumente, o que se verifica ao se mapear informações sobre testes como o IELTS (*International English Language Testing System*), é uma vasta gama de material editorial instrutivo que busca treinar e familiarizar o indivíduo com o formato das questões e o conteúdo das habilidades testadas, além de reiteradas asserções sobre a validação e objetividade dos resultados, por parte dos organismos responsáveis pela administração dos testes. Contudo, fato é que esses testes possuem uma concepção clara do que seja habilidade de leitura, a qual se pauta por uma teoria de comunicação e de linguagem que visa a satisfazer as exigências de objetividade dos testes e consequente validação dos resultados.

Observa-se, nesses testes, que a teoria subjacente à concepção de leitura, embora nem sempre explicitada, seja condizente com uma orientação semântica (*i.e.* baseada no modelo de código), na qual se entende que os significados são recuperados pela decodificação linguística. Uma possível explicação para essa preferência é o fato de a manutenção da objetividade demandar uma teoria na qual o leitor tenha um papel reduzido na recuperação do significado, o que resulta em uma anuência ao não fomento de leituras inferenciais e, portanto, pluralizadas. Contudo, se por um lado isto permite a manutenção da coerência interna entre leitura-teoria-objetividade, por outro, ignora que, em uma perspectiva cognitiva, a comunicação humana apresenta uma natureza ostensiva e inferencial (cf. SPERBER; WILSON, 1995).

É com base no paradigma ostensivo-inferencial que este trabalho busca contextualizar o processamento da leitura. Mais

especificamente, o trabalho baseia-se nos pressupostos cognitivo-pragmáticos da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1995; CARSTON, 2002) na discussão de um experimento que teve por objeto a resolução de questões de compreensão textual do IELTS, que se referem à identificação do posicionamento do autor ou de informações textuais como *sim*, *não* ou *não dado*. A escolha por enfocar esse tipo específico de questão advém dos objetivos deste estudo de apresentar o processamento da leitura como um processo de base inferencial, bem como de problematizar esse formato de questão quando abordada dentro do paradigma inferencial.

A fim de apresentar o estudo realizado, será feita uma introdução ao paradigma inferencial da linguagem, retomando-se os pressupostos da Teoria da Relevância formulada por Sperber e Wilson (1995). Também, são apresentadas algumas considerações sobre a leitura no IELTS, remetendo-as a esse paradigma. Em seguida, é apresentada a metodologia empregada na realização do experimento e na análise dos dados. Serão apresentadas a análise e discussão dos resultados e, por fim, as considerações finais do estudo.

2 O paradigma inferencial da linguagem

O estudo da comunicação humana deve muito ao trabalho de Grice (1975), que, ao propor a distinção entre o dito e o implicado, foi pioneiro ao apontar que o que é efetivamente comunicado por um sujeito pode ir além do significado codificado linguisticamente. Atuando em um contexto onde as atenções de linguistas voltavam-se para a teorização de complexos modelos formalistas e semióticos, Grice abriu o campo da pragmática ao teorizar, nas palavras de Sperber e Wilson (1995), sobre algo que já fazia parte do senso-comum, mas que nenhum outro linguista ou filósofo da linguagem havia se proposto a explicar. Deve-se ao trabalho de Grice a elaboração do conceito de implicatura, e a teorização do Princípio de Cooperação, segundo o qual os interlocutores se engajam em trocas comunicativas de forma cooperativa, sendo os significados produzidos regidos por máximas

conversacionais[1](*i.e.* as máximas de Grice) que seriam intrínsecas ao discurso.

O trabalho de Grice (1975) foi muito importante ao mostrar que nem tudo o que é comunicado é codificado linguisticamente, o que é resultado, segundo Levinson (2000), do próprio processo evolutivo da comunicação humana. Uma vez que todo processo evolutivo pauta-se pela otimização, não é de se estranhar que os mecanismos anatômicos, neuropsicológicos e perceptivos envolvidos na comunicação humana estejam adaptados para a produção e compreensão aparentemente sem esforço da fala. Conforme descreve Levinson (2000), no processo adaptativo, os processos anatômicos envolvidos na articulação sonora da fala são dispendiosos e lentos, quando comparados com a preparação mental que os seres humanos dispõem para a produção e compreensão de significados. Isto é, a capacidade humana de processar significados é evolutivamente superior à capacidade de articulação desses significados na fala, o que gera uma assimetria essencial: a articulação sonora da fala é lenta, mas a capacidade de processar significados é quase instantânea. Disso resulta que em um sistema otimizado é de se esperar um aumento de significados implicados à custa de significados codificados, de forma que a codificação linguística passa a ser pensada menos como um conteúdo comunicativo definitivo e mais como uma pista interpretativa.

Grice (1975) foi pioneiro ao tentar explicar o funcionamento dos processos inferenciais na comunicação humana, sendo seu trabalho a base para desdobramentos que contribuíram tanto para o desenvolvimento da pragmática quanto, consequentemente, para o desenvolvimento de outros modelos orientados para a explicação do funcionamento dos processos inferenciais (cf. LEVINSON, 2000; RECANATI, 1991; CARSTON, 2002). Dentre esses modelos, um dos

---

[1] As máximas conversacionais, ou máximas de Grice (1975), correlacionam-se ao princípio da cooperação, e são identificadas pelos seguintes preceitos:
Máxima de Quantidade: "Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto necessário";
Máxima de Qualidade: "Não diga o que você acredita ser falso; não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada";
Máxima de Relevância ou Relação: "Seja relevante";
Máxima de Modo ou Maneira: "Seja claro; evite obscuridade de expressão, evite ambiguidades, seja breve, seja ordenado".

mais profícuos é o proposto por Sperber e Wilson (1995), que, adotando uma base cognitivo-pragmática para explicar os processos responsáveis pelo aparente sucesso da comunicação humana, define inferência como "o processo através do qual uma suposição é aceita como verdadeira, ou provavelmente verdadeira, com base na força de verdade ou provável verdade de outras suposições" (SPERBER; WILSON, apud GONÇALVES, 2001, p. 39).

O trabalho de Sperber e Wilson (1995) e o trabalho de Grice (1975) possuem em comum a concepção de que a capacidade de metarrepresentação é fundacional para a comunicação, pois essa consiste na recuperação inferencial das intenções de um falante. Também, ambos assumem que o que é comunicado por um sujeito pode ir além do que é codificado linguisticamente. Contudo, Sperber e Wilson (1995) reformulam uma série de pressupostos adotados por Grice (1975).

Um desses pressupostos que merece ser destacado no trabalho de Grice (1975) é a separação entre o que é dito e o que é implicado. O que é dito, na proposta griceana, corresponde ao significado que é codificado linguisticamente, o qual, segundo esse autor, não guarda qualquer correlação com o significado implicado. Esse, por sua vez, recuperável por meio da observância às máximas conversacionais. Grice também entende que a comunicação é regida por um princípio cooperativo guiado por essas máximas, que seriam quase normas de comportamento. Já Sperber e Wilson (1995) apontam que, de fato, o antagonismo griceano entre o dito e o implicado não se aplica, pois, no processo interpretativo, o que é dito é condição para se chegar ao que é implicado, haja vista que a derivação de implicaturas depende da decodificação do que é dito[2]. Sperber e Wilson (1995) também não concordam que haja um princípio cooperativo responsável pelo sucesso da comunicação humana, e que esse seja regido por máximas conversacionais. Ao contrário, Sperber e Wilson (1995) apontam que o sucesso (ou fracasso) da comunicação deve-se ao comportamento ostensivo, por parte do falante, e inferencial, por parte do ouvinte. Isto é, o falante apresenta uma intenção comunicativa, e o ouvinte, que é

[2] Daí o modelo de Sperber e Wilson ser compreendido como um amálgama do modelo inferencial com o modelo de código.

capaz de metarrepresentar, ocupa-se da interpretação dessa intenção, a partir de uma base inferencial que é direcionada não por uma série de máximas conversacionais, mas por um único princípio, a saber, o Princípio da Relevância. Segundo esse princípio, o processo de comunicação rege-se por uma otimização do processo interpretativo, cujo pressuposto básico é uma relação de custo-benefício na qual se entende que a interpretação segue um caminho pautado por um mínimo dispêndio de esforço cognitivo para a geração de efeitos contextuais maximizados.

A noção de contexto para Sperber e Wilson (1995) refere-se a uma instância mental, e não ao ambiente físico que circunda os indivíduos. Como consequência, para esses autores proponentes da Teoria da Relevância, não se pode falar de um contexto dado *à priori* compartilhado por falante e ouvinte, como propõe Grice, haja vista que o ouvinte não tem nem acesso direto ao que o falante pensa, nem compartilha necessariamente o mesmo conhecimento que o falante possui. Por isso, Sperber e Wilson (1995) trabalham com uma noção de contexto *à posteriori*, lançando mão do conceito de *manifestação mútua* para se referir ao contexto mental mutuamente manifesto por falante e ouvinte no momento da troca comunicativa. Nesse sentido,

> os processos comunicativos são decorrentes de um comportamento ostensivo-inferencial que busca o maior efeito contextual através do menor esforço processual possível. Sperber e Wilson postulam que este processo, direcionado pelo princípio de relevância, atua a partir das interfaces estabelecidas entre um comportamento ostensivo por parte do falante e um comportamento inferencial por parte do ouvinte que, apoiados por manifestação mútua e situados em determinados ambientes cognitivos, geram um efeito contextual capaz de explicar o funcionamento, bem e/ou mal sucedidos, dos processos de comunicação. (ALVES, 2001, p. 18).

A geração de efeitos contextuais é resultado de uma reconfiguração do ambiente cognitivo do indivíduo, a qual pode ocorrer

com o acréscimo de novas informações, ou com a revisão do valor de verdade de informações já armazenadas na memória do sujeito (SPERBER; WILSON, 1991). Isso porque, sendo a comunicação um processo dinâmico, a saliência com que informações são armazenadas e processadas pelo indivíduo não é jamais estática. Tomemos, por exemplo, o processo de derivação de implicaturas não demonstrativas. Nesse processo, o ouvinte acessa premissas para a formulação de hipóteses, que podem ser mais ou menos salientes (*i.e.* premissas fortes e premissas fracas), as quais são restringidas em número pelo princípio de relevância. Uma vez acessadas essas premissas, ou suposições implicadas, entra em ação o mecanismo de confirmação de hipóteses[3]. Esse mecanismo toma por premissas tanto as sentenças produzidas pelo falante quanto as suposições acessadas e implicadas pelo ouvinte, no cálculo da conclusão implicada, à qual pode ser atribuída diferentes graus de confirmação (*i.e.* diferentes valores de verdade, no continuum verdadeiro-falso).

Um ponto a ser destacado no processo de derivação de implicaturas não demonstrativas é que elas dependem sobremodo do contexto. É o contexto mental do indivíduo manifesto no ato comunicativo que orienta a interpretação e os processos inferenciais, haja vista que para interpretar as proposições, o ouvinte/leitor retoma uma série de premissas armazenadas em sua memória. Contudo, os processos inferenciais não se resumem à recuperação de implicaturas, mas estão envolvidos também na recuperação de *explicaturas*.

Explicatura é um termo cunhado pelos proponentes da teoria da relevância (cf. SPERBER; WILSON, 1995) que se distingue da implicatura por estar mais presa à forma proposicional linguisticamente codificada. Dessa forma, a distinção entre explicatura e implicatura poderia ser vista como semelhante à distinção griceana entre o dito e o implicado, não fosse o caso de o conceito de explicatura, ao contrário da concepção semântica de o *dito*, envolver tanto um componente de significado decodificado linguisticamente quanto um componente de significado derivado pragmaticamente, resultante, por exemplo, da desambiguação de enunciados, da atribuição de referência e do

[3] O qual pode valer-se do dispositivo dedutivo, embora seja difícil prever quais premissas são retomadas para o cálculo do significado implicado.

enriquecimento livre de constituintes. Ao tratar da distinção entre implicatura e explicatura, Carston (2000, p. 12) aponta que:

> uma explicatura é uma forma proposicional comunicada por um enunciado, a qual é pragmaticamente construída a partir de um esquema proposicional (forma lógica) codificado linguisticamente; seu conteúdo é um amálgama de material decodificado linguisticamente e material inferido pragmaticamente. Uma implicatura, por sua vez, é qualquer outra forma proposicional comunicada por um enunciado, sendo que seu conteúdo consiste inteiramente de material inferido pragmaticamente. [4]

Como a comunicação humana se baseia na recuperação das intenções de um falante, e essa ocorre por meio da recuperação das explicaturas e implicaturas dos enunciados, ambas envolvendo enriquecimento pragmático, Carston (1991, 2000, 2002) propõe uma redução do escopo da semântica e, consequentemente, uma ampliação do domínio da pragmática. Contudo, um dos reflexos mais diretos da distinção e definição propostas é a demonstração de que os significados codificados linguisticamente dependem sobremodo de processos inferenciais para serem processados. Além disso, como os processos inferenciais dependem do contexto (enquanto instância mental), o que se tem no final do processo comunicativo é a interpretação de uma intenção, sendo que não se pode garantir que a interpretação da informação seja idêntica à intenção de quem a produziu, mas, talvez, que seja semelhante, sendo a comunicação bem sucedida.

A seguir, partindo do paradigma inferencial da comunicação humana, será apresentada a proposta de avaliação de leitura no IELTS em relação a esse paradigma.

---

[4] Nossa tradução para: "An 'explicature' is a propositional form communicated by an utterance which is pragmatically constructed on the basis of the propositional schema or template (logical form) that the utterance encodes: its content is an amalgam of linguistically decoded material and pragmatically inferred material. An 'implicature' is any other propositional form communicated by an utterance: its content consists of wholly pragmatically inferred matter." (CARSTON, 2000, p. 12)

3 A compreensão de leitura no IELTS

O IELTS (*International English Language Testing System*) é um teste internacional padronizado de Língua Inglesa que busca aferir o nível de proficiência linguística dos sujeitos por meio da avaliação da capacidade de leitura, escrita, compreensão e produção oral. Esse teste, administrado pelo consórcio entre o British Council, a Cambridge ESOL e o IDP Austrália, direciona-se ao público maior de 16 anos que, por objetivos diversos, precisam dar prova de conhecimentos linguísticos a instituições acadêmicas, governamentais ou empresariais que utilizam o inglês como língua oficial (cf. IELTS INFORMATION FOR CANDIDATES, 2012).

O IELTS é um teste que apresenta dois módulos, um denominado *Academic Training*, destinado àqueles interessados em estudar em instituições educacionais que utilizam o inglês, e outro denominado *General Training*, destinado àqueles que precisam dar prova de conhecimentos de inglês para fins diversos. Contudo, a diferença entre esses dois módulos não se encontra no formato do teste ou no tipo de questão cobrada, mas apenas no tipo de assunto tratado: um direcionado a assuntos acadêmicos e outro direcionado a habilidades linguísticas necessárias no dia-a-dia. Cabe ressaltar, ainda, que essa diferença de assuntos é verificada apenas nos testes que avaliam a capacidade de leitura e produção textual, haja vista que os testes que avaliam a habilidade de compreensão e produção oral são comuns aos módulos acadêmico e geral.

No caso da avaliação da proficiência de leitura, o IELTS apresenta, tanto no módulo acadêmico quanto no módulo geral, tarefas que demandam diferentes habilidades do sujeito, como responder a questões de múltipla escolha, escolher títulos para parágrafos e identificar informações no texto como *sim* (verdadeiras), *não* (falsas) ou *não dadas*. Essas atividades baseiam-se em um modelo de linguagem e de comunicação que norteia a forma com que a habilidade de leitura é avaliada no teste; contudo, esse modelo teórico não é explicitado nem no sítio oficial do teste (a saber, www.ielts.org) nem em materiais instrutivos que o enfocam.

Embora não haja uma menção explícita à teoria de linguagem ou comunicação que norteia o teste, em seu sítio oficial há indicativos

de que o enriquecimento inferencial de proposições deve ser evitado. Uma vez que a manutenção da objetividade aparentemente demanda uma teoria na qual o leitor tenha um papel reduzido na recuperação do significado, o escopo teórico do teste afasta-se do paradigma inferencial, evitando o fomento a leituras inferenciais e, portanto, pluralizadas.

No caso deste trabalho, um tipo de questão cobrada na compreensão de leitura de particular interesse é o que demanda que o leitor identifique informações no texto como *sim* (verdadeiro), *não* (falso) ou *não dado* (*i.e.* não codificado). O interesse por esse tipo de questão se deve ao fato de ela envolver uma concepção de linguagem que não abre muito espaço para uma abordagem inferencial da leitura. Para ilustrarmos esse ponto, consideremos a seguinte passagem retirada do sítio oficial da Cambridge ESOL (www.cambridgeesol.org), que ao buscar descrever ao leitor a diferença entre o *não* e o *não dado* aponta que

> É importante entender a diferença entre o "não" e o "não dado". "Não" significa que as opiniões ou argumentos do autor discordam explicitamente do enunciado – i.e. o autor, em algum momento, expressa uma visão ou argumento contrário ao expresso na questão; "não dado" significa que a opinião ou argumento do autor não pode ser nem confirmada nem refutada. (*Os estudantes precisam entender que qualquer conhecimento que eles tragam de fora da passagem não deve influir na decisão de suas respostas*).[5]

Dois pontos que chamam a atenção nesta citação são que, em primeiro lugar, não há menção ao que deve ser entendido como *sim*,

[5] Nossa tradução para: "It is important to understand the difference between 'no' and 'not given'. 'No' means that the views or claims of the writer explicitly disagree with the statement - i.e. the writer somewhere expresses the view or makes a claim which is opposite to the one given in the question; 'not given' means that the view or claim is neither confirmed nor contradicted. (*Students need to understand that any knowledge they bring with them from outside the passage should not play a part when deciding on their answers*)."

mas apenas uma apresentação da diferença entre o *não* e o *não dado*, o que aparentemente implica a idéia de que a identificação de informações como *sim* (verdadeiras) é familiar ao leitor, não lhe acarretando problemas de definição. Um outro ponto de interesse é o trecho apontado em itálico, que sinaliza para o sujeito como ele deve proceder na interpretação textual deste tipo de questão, a saber, evitando o uso de inferências.

O trecho em itálico sinaliza para o sujeito que importa o que está codificado no texto, sendo sua função apenas decodificar o código e apontar a resposta adequada. Contudo, conforme foi visto na seção anterior, o processo de compreensão é constituído em bases inferenciais, de forma que não há como ler sem inferir. Retomando as palavras de Carston (2000, p. 38),

> de acordo com os pressupostos da teoria da relevância, a estratégia de compreensão do ouvinte consiste em retomar o esquema conceitual (a forma lógica) veiculado pela decodificação linguística e, seguindo um caminho de menor esforço, enriquecer esse esquema ao nível do significado explícito assim como derivar outras suposições ao nível do significado implícito, até que a interpretação resultante satisfaça sua expectativa de relevância.[6]

Dessa forma, se o processo de interpretação envolve sempre o enriquecimento inferencial de proposições, e sendo a decodificação linguística apenas uma etapa desse processo, a diferenciação entre o *sim*, o *não* e o *não dado* torna-se mais complexa do que aparenta ser, principalmente quando se trata da distinção entre o *sim* e o *não dado*, e o *não* e o *não dado*.

A fim de melhor explorar esta questão, foi realizado neste estudo um experimento cuja metodologia encontra-se descrita a seguir.

---

[6] Nossa tradução para: "According to the relevance-theoretic comprehension strategy, the addressee takes the conceptual schema (logical form) delivered by linguistic decoding and, following a path of least effort, he enriches it at the explicit level and derives other assumptions at the implicit level, until the resulting interpretation meets his expectation of relevance."

4 Metodologia

A metodologia utilizada para a realização deste estudo envolveu a aplicação de um teste-simulado, a coleta de dados por meio de questionário, a quantificação das respostas apresentadas, e a análise qualitativa dos dados, a fim de apresentar o papel exercido pelos processos inferenciais na interpretação textual.

O teste-simulado de compreensão de leitura foi retirado de um material instrutivo de preparação para o módulo acadêmico do IELTS[7] (cf. SAHANAYA et al., 1999), e consistia em 8 itens que demandavam que o sujeito identificasse informações como *sim* (verdadeiras), *não* (falsas) ou *não-dadas*, a partir do texto lido (reproduzido no Quadro 1), o qual possuía 972 palavras e tinha por assunto a mulher no mercado de trabalho. A fim de melhor simular as condições de realização do teste, que em seu módulo de leitura acadêmica comumente apresenta 3 textos mais questões a serem respondidas em um tempo total de 60 minutos, foi proposto um tempo de 20 minutos para a realização da tarefa (leitura + repostas), o que, de certa forma, condiciona o sujeito a uma pressão de tempo característica da situação real de realização do teste.

Quadro 1 - Texto utilizado no experimento

UTILISING WOMEN'S SKILLS

Women Working

1 Britain has a higher proportion of economically active women than any of our EC partners, with the exception of Denmark, and the trend towards greater female participation in paid employment seems to be irreversible. The Central Statistical Office's Social Trends report, published at the beginning of this year, forecasts that the number of women in the labour force is likely to increase by 700 000 over the 1990s and that by the end of the decade no less than 45 per cent of workers will be female. It may be questioned whether industry fully utilises them.

2 At present a high proportion of employed women, four out of ten, work part-time compared with only ten per cent of men in employment. This

[7] Cabe salientar que o material instrutivo utilizado apresenta questões retiradas de testes já aplicados, como é o caso das questões retomadas neste trabalho.

development is in response to the increased opportunities available to realise two distinct goals:
(1)The industrial goal of achieving greater flexibility in working time and working schedules in order to improve the relationship between labour costs and business needs; and
(2)The personal goal of many women of participating responsibly in both economic and domestic-familial activity without subjecting themselves to intolerable strains.
Industry needs part-time workers and women often find part-time work more feasible than full-time.

3 While many more women would doubtless prefer to have fulltime employment, most men below early retirement age would see this as a necessity. The traditional images of the "male breadwinner" and the "female housewife and mother" may be breaking down among females but this process is occurring more slowly among males. Men do adopt the role of "househusband", but their number is still small enough to make the examples newsworthy.

4 For this reason, a good deal of female employment, and especially that part of it which involves women with young children, occurs without much corresponding adjustment or accommodation by men or by the institutions which men have created. Men remain "free" to take on their traditional full-time breadwinner roles, but women depend on there being opportunities for them to participate in economic activity at the times and in the locations which fit in with their domestic responsibilities. However "useful" they might be to industry because they do not want the full-time engagements that are not available, their involvement remains unintegrated.

The Waste of Talent

5 In consequence, the talents which exist within this section of the workforce are under-utilised. They serve as "hands" hired usually to perform routine jobs which can be parcelled out in appropriate parttime lots. They may do these extremely satisfactorily and at low overall cost to the employer, but skills and competencies developed in the course of their other experiences including running a household, organising efficient routines, counselling and developing children, etc. may never be given any chance to surface.

6 In addition they have little opportunity to contribute ideas or suggestions around or outside the immediate confines of their particular job. This is because they are not sufficiently woven into the fabric of the organisation to permit their insinuation into discussions at the right moment or with sufficient persistence to ensure that they get a hearing. They are treated as part of a peripheral workforce and their ideas have little chance of entering the mainstream of thought.

7 Against this background there is little chance that they will be either rotated or promoted to any position of responsibility. Research published recently by the Institute of Manpower Studies confirms that women are generally still very underrepresented in management. It found, as many other studies of women at work have done, that although 40 per cent of the current workforce is female, women constitute only 22 per cent of managers and only 2 per cent of senior executives. This also implies that even full-time women and those who do seek to develop a conventional career have little chance of success.

8 This may reflect stereotypical attitudes similar to those which attach to "part-timers": even full-time female employees appear to present a greater risk than full-time men of failing to make the grade as steady, reliable workers. They may declare themselves to be interested in a career, but they are much more likely than a man to succumb to the alternative career of raising children and running a family home. Therefore, so the stereotypical argument runs, they are less worthy of the employer investing training and development resources in them. If a woman is to get on, she has to surmount hurdles without much assistance and support from the employer.

Effective Utilisation

9 In order to utilise female talents at all effectively, it may well be necessary, as many have already argued, to provide some simple logistical supports in the form of flexible work schedules, child-care facilities and the like. But it may be even more necessary to provide greater opportunity for working women in general and part-time workers in particular, to become integrated into the mainstream of organised activity.

10 This can occur only if industry then treats them as worthy of it, no matter whether they are "merely" part-time or whether they choose to take some time out to start a family. Some organisations, especially those facing a tight labour market, do provide such opportunities and do attempt to keep those on leave of absence in touch with policies and practices. They are probably too few for comfort and too often stimulated by extremely short-sighted and short-lived motives. Unless these activities are integrated with the business strategy, they are unlikely to survive a slackening of the labour market or to give industry full benefit.

11 Finally, their potential is unlikely to be realised unless they are included in all the communication systems developed both to inform employees and to elicit their suggestions for improvement. Parttimers particularly, but also those who perform what have traditionally been regarded as women's jobs, are often excluded from these, so that their often unblinkered views are ignored.

Fonte: reproduzido a partir de Sahanaya et al. (1999)

O teste-simulado foi aplicado a 7 (sete) sujeitos que tinham em comum o fato de estarem inseridos no contexto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (doravante UFMG), e o fato de possuírem conhecimentos declarativos sobre o funcionamento dos processos inferenciais, embora com diferentes níveis de expertise. Também, todos os sujeitos possuíam algum conhecimento instrumental da Língua Inglesa, pois sabidamente acompanhavam leituras acadêmicas em inglês.

A esses sujeitos foi proposta, em um primeiro momento, a execução da tarefa apresentada no teste-simulado, a qual, conforme apontado, deveria ser finalizada com um tempo máximo de 20 minutos. As instruções apresentadas se resumiram àquelas que constavam no teste-simulado, reproduzidas no Quadro 2, e o ambiente de realização da tarefa foi uma sala de aula da Faculdade de Letras da UFMG.

Quadro 2 - Instruções para a realização do teste-simulado

Do the following statements reflect the views of the writer in the Reading passage. Choose: **YES** if the statement agrees with the writer **NO** if the statement contradicts the writer **NOT GIVEN** if there is no information about this in the passage 1 – Denmark is the only EC country with fewer economically active women than Britain. 2 – Too many women are taking jobs that belong to men. 3 – Skills involved in running a household are unlikely to be of much use in industry. 4 – One reason women's views are not considered is because they do not understand business strategy. 5 – Woman may prefer to be employed full-time; however, men consider it essential. 6 – Recent research shows more and more women are moving into management positions. 7 – Men accept changing perceptions of traditional gender roles more slowly than women do. 8 – Most full-time female employees are not really interested in a career, even though they may claim to want one.

Fonte: reproduzido a partir de Sahanaya et al. (1999)

Após a execução da tarefa foi pedido aos sujeitos que respondessem a 2 (dois) questionários, reproduzidos no Quadro 3. Um dos questionários era aberto e pedia aos sujeitos que identificassem os motivos que os motivaram a selecionar a resposta como *sim*, *não* ou *não dado*. Este questionário aberto visou mapear informações acerca dos processos que guiaram a interpretação dos sujeitos, sendo contrastados com as respostas apresentadas no gabarito (*answer key*) do material instrutivo (ver Quadro 4). O outro questionário, fechado, buscou mapear informações sobre os sujeitos e suas concepções sobre a leitura.

Quadro 3
Questionários utilizados na pesquisa

Questionário	Instruções
Questionário aberto	Descreva no quadro abaixo, o que motivou sua interpretação como "sim", "não" ou "não dado" nas questões de 1 a 8? *Questão* | *Resposta* | *Motivo* ... | ... | ...
Questionário fechado	1. Como você avalia sua habilidade de leitura em inglês? (a) fluente (b) boa (c) média (d) fraca 2. Você tinha algum pré-conceito sobre o assunto tratado na leitura? (a) sim (b) não 3. A distinção proposta pela tarefa entre "sim", "não" e "não dado" é clara? (a) sim (b) um pouco (c) não 4. É possível resolver a tarefa no nível da ... (a) decodificação linguística dos significados (b) explicatura (c) implicatura (d) explicatura e implicatura

Os dados obtidos com as respostas dos sujeitos foram quantificados, e procedeu-se então à análise qualitativa dos mesmos, objetivando demonstrar a base inferencial do processamento da leitura, assim como problematizar o formato de questão em foco quando tratada dentro do paradigma inferencial da linguagem. A seguir, é apresentada a análise e discussão dos resultados.

Quadro 4 - Gabarito do material instrutivo utilizado no experimento

Questão	Resposta do gabarito	Justificativa apresentada pelo material instrutivo
1	NO	This is the reverse of the first sentence in paragraph 1. Both statements compare the number of working women in Britain, Denmark and the EC, but the statement in the reading says that Britain has fewer economically active women than Denmark.
2	NG	There is no mention of women taking men's job in the reading
3	NO	In paragraph 5 the writer indicates that industry should take advantage of women's skills developed in running a household. In fact, the question statement completely contradicts the main point of the writer's argument.
4	NG	Wheter woman understand business strategy or not is never discussed in the reading. Therefore, the answer is not given.
5	YES	This is a rephrasing (a paraphrase) of the first sentence in paragraph 3.
6	NG	Paragraph 7 gives details of the number of women presently in management and executive positions, but does not mention any changes to the situation. The use of 'more and more' in the question statement indicates a changing situation with the number of women in management increasing. Therefore, the answer is "NG".
7	YES	This is a paraphrase of paragraph 3.
8	NO	In paragraph 8, the writer presents this as the 'stereotypical attitude', i.e. the view held by most people. The whole argument put forward by this writer contradicts this view. Therefore, this statement does not reflect the views of the writer.

Fonte: reproduzido a partir de Sahanaya et al. (1999)

5 Análise e discussão dos resultados

Com os objetivos de investigar a leitura como um processo de base inferencial e problematizar a visão de leitura subjacente às questões do IELTS, que demandam que os sujeitos identifiquem informações codificadas como *sim* (verdadeiras) ou *não* (falsas), e as não codificadas como *não dadas*, foi montado um experimento, conforme descrito na Metodologia, o qual buscou coletar dados para a análise e discussão ora apresentados.

Os dados coletados no questionário fechado, que objetivou mapear informações sobre os 7 (sete) sujeitos e suas concepções sobre a tarefa, permitiu identificar que, embora sabidamente todos os sujeitos acompanhem leituras em inglês, apenas 3 (três) consideram seu nível de leitura nessa língua como fluente. Outros 2 (dois) , identificam seu nível como bom, e os 2 (dois) restantes como médio. Esses dados foram utilizados para separar os sujeitos em 3 (três) grupos, segundo o nível de proficiência apontado por eles mesmos. O questionário fechado também permitiu identificar que 4 (quatro) dos 7 (sete) sujeitos declaram apresentar um conhecimento prévio do assunto abordado no texto utilizado na tarefa, que 5 (cinco) pensam que a distinção entre *sim*, *não* e *não dado* é clara, e que esse mesmo número de sujeitos (5 sujeitos) acreditam que a tarefa pode ser resolvida no nível da explicatura e da implicatura. Esses dados estão sintetizados no Quadro 5 apresentado a seguir.

Quadro 5 - Concepções dos sujeitos sobre si próprios e sobre a tarefa

	GRUPO 1			GRUPO 2		GRUPO 3	
	Suj. 1	Suj. 2	Suj.3	Suj.4	Suj.5	Suj.6	Suj.7
Nível de leitura em inglês	fluente	fluente	fluente	bom	bom	médio	médio
Conhecimento prévio do assunto tratado no texto	não	sim	sim	não	sim	sim	não
A distinção proposta pela tarefa entre "sim", "não" e "não dado" é clara?	sim	sim	sim	sim	pouco	sim	pouco
É possível resolver a tarefa no nível de interpretação?	não respondeu	Explicatura e implicatura	Explicatura e implicatura	Explicatura e implicatura	Explicatura e implicatura	Explicatura e implicatura	não respondeu

Um ponto interessante a ser observado é que, embora a maior parte dos sujeitos afirme: (a) possuir um conhecimento prévio do assunto tratado no texto, (b) estar ciente de que processos inferenciais possuem um papel na interpretação, ao apontarem que a tarefa pode ser resolvida no nível da explicatura e da implicatura, e (c) ser clara a distinção entre o *sim*, o *não* e o *não dado* demandada pela tarefa, nenhum dos sujeitos conseguiu acertar as 8 questões, ao serem avaliados segundo o gabarito apresentado pelo material instrutivo do qual as questões foram retiradas (ver Quadro 6). Nem mesmo os sujeitos que apontaram possuir um nível fluente de leitura em inglês conseguiram acertar as 8 questões propostas, embora o rendimento

desses sujeitos tenha sido superior aos dos sujeitos que declararam menor nível de proficiência.

Quadro 6 - Quantidade de acertos de cada sujeito segundo o gabarito oficial

		GRUPO 1 Avaliam sua habilidade de leitura em inglês como fluente			GRUPO 2 Avaliam sua habilidade de leitura em inglês como boa		GRUPO 3 Avaliam sua habilidade de leitura em inglês como média	
Número da questão	Gabarito oficial	Suj. 1	Suj. 2	Suj.3	Suj.4	Suj.5	Suj.6	Suj.7
Questão 1	NO	NO	NO	NO	YES	NO	NO	NO
Questão 2	NG	NG	NO	NG	YES	NO	YES	NG
Questão 3	NO	NO	NO	NO	YES	NG	NG	YES
Questão 4	NG	NG	NO	NG	NG	NG	NG	NG
Questão 5	YES	YES	YES	YES	YES	NG	NO	YES
Questão 6	NG	NG	NO	NO	NO	NO	NG	NO
Questão 7	YES	YES	YES	YES	YES	YES	NG	YES
Questão 8	NO	NG	NO	NG	NO	NG	NO	NO
Qtd. de acertos →		7	5	6	4	3	3	6

Ao se analisar as justificativas para as respostas no questionário aberto, verificou-se que grande parte dos sujeitos faz referências a passagens específicas no texto, o que poderia sugerir que a decodificação dos significados seria suficiente para resolver as questões. Em algumas questões, como a Questão 1, parece haver menos discrepância entre as justificativas dadas, com a exceção do sujeito 4 que errou a questão. Já em outras, como a Questão 6, acertada por apenas dois sujeitos, verifica-se que as justificativas são semelhantes, apontando para a mesma passagem descrita no gabarito do material instrutivo; contudo, o entendimento para a maioria dos sujeitos é que a informação do enunciado da questão contradiz o que está no texto, sendo por isso NÃO procedente, ao passo que no gabarito e para dois dos sujeitos do experimento a resposta é NÃO DADA no texto. A justificativa do sujeito 1, que acertou a questão, foi apenas que "não há

estatísticas", possivelmente indicando que como no texto não há dados correlacionando datas e números não se pode dizer que a informação NÃO procede. A título de ilustração, o Quadro 7 a seguir apresenta a resposta do gabarito e a de três sujeitos para a Questão 6.

Quadro 7 - Justificativas para a Questão 6

Item a ser considerado		6 – Recent research shows more and more women are moving into management positions.
Passagem do texto relacionada		"Research published recently by the Institute of Manpower Studies confirms that women are generally still very underrepresented in management. It found, as many other studies of women at work have done, that although 40 per cent of the current workforce is female, women constitute only 22 per cent of managers and only 2 per cent of senior executives."
Resposta e justificativa		
do gabarito	NG	Paragraph 7 gives details of the number of women presently in management and executive positions, but does not mention any changes to the situation. The use of 'more and more' in the question statement indicates a changing situation with the number of women in management increasing. Therefore, the answer is "NG".
do suj.1	NG	"não há estatísticas"
do suj. 3	NO	"explicito no texto, 3 últimas linhas" (o Suj. 3 marca a seguinte passagem → "Research published recently (...) confirms that women are still very underrepresented in management. It found, as many other studies, women constitute only 22 per cent of managers and only 2 per cent of senior executives.")
do suj. 5	NO	"pelo contrário, os números mostram que poucas mulheres estão em posição de liderança"

O fato de alguns sujeitos mencionarem a mesma passagem do texto apresentada no gabarito, conforme faz o sujeito 3 no exemplo descrito no Quadro 7, mas selecionarem uma resposta diferente daquela do material instrutivo, é um dado significativo, pois apesar de a

codificação linguística apontada ser a mesma, a interpretação não é, o que parece sugerir que há uma distância entre o que é codificado e o que é interpretado.

Contudo, para melhor se discutir essa questão, cabe lembrar que é pouco provável que o autor do texto seja a mesma pessoa que elaborou as perguntas e, consequentemente, a que justificou as respostas no gabarito. Dessa forma, o que se tem é que o gabarito já se baseia em um processo de interpretação, o qual, conforme apontado anteriormente, envolve tanto a decodificação linguística quanto o enriquecimento inferencial das proposições. Assim, não há como dizer que o gabarito apresenta justificativas pautadas apenas pelo que está codificado no texto, pois conforme descreve Carston (2000), a codificação é apenas um esquema a ser enriquecido inferencialmente para a recuperação do significado, sendo o enriquecimento inferencial dependente do ambiente cognitivo do sujeito, e da manifestação desse ambiente no ato comunicativo. Com efeito, pode-se dizer que, no ambiente avaliativo do teste, o que é demandado não é somente que o leitor recupere as intenções comunicativas do autor, mas também que recupere uma interpretação semelhante àquela já feita pelos proponentes do gabarito. Observemos que no exemplo ilustrado no Quadro 8 a seguir, o sujeito 1 do experimento parece recuperar a intenção do autor; contudo, sua resposta difere daquela apresentada pelo gabarito oficial.

Quadro 8 - Interpretação da Questão 8

Item a ser considerado		8 – Most full-time female employees are not really interested in a career, even though they may claim to want one.
Passagem do texto relacionada		"This may reflect stereotypical attitudes similar to those which attach to "part-timers": even full-time female employees appear to present a greater risk than full-time men of failing to make the grade as steady, reliable workers. They may declare themselves to be interested in a career, but they are much more likely than a man to succumb to the alternative career of raising children and running a family home. Therefore, so the stereotypical argument runs, they are less worthy of the employer investing training and development resources in them."
Resposta e justificativa		
do gabarito	NO	In paragraph 8, the writer presents this as the 'stereotypical attitude', i.e. the view held by most people. The whole argument put forward by this writer contradicts this view. Therefore, this statement does not reflect the views of the writer.
do suj.1	NG	"isto não é dito pelo autor; isto é dito como uma percepção/impressão dos empregadores"

A atividade proposta pela tarefa, de distinguir informações codificadas no texto como sim (verdadeiras) ou não (falsas), e as *não codificadas* como não dadas, apesar de não ser apontada como um problema para a maior parte dos sujeitos do experimento, parece ser um problema, quando tratada a partir do paradigma inferencial. Isto porque o processo de interpretação não se resume à decodificação dos significados, uma vez que esses são recuperados por meio de processos inferenciais (CARSTON, 2000). Desta forma, a tarefa de distinguir informações codificadas como *sim* ou *não*, e as não codificadas como *não dadas* se torna bastante complexa, pois o processo interpretativo envolve o enriquecimento inferencial das proposições por parte do leitor, o que pode resultar em divergências de opinião acerca do que é

dado ou *não dado* no texto. Soma-se a isso o fato de o leitor instintivamente atribuir à proposição da pergunta um valor de verdade; assim, mesmo que ela não esteja relacionada a nenhuma informação "codificada" no texto, ela recebe um valor que pode guiar o processo de decisão do sujeito, ao propor sua resposta.

6 Considerações finais

Inserindo-se no paradigma inferencial da linguagem a partir dos pressupostos cognitivo-pragmáticos da Teoria da Relevância (cf. SPERBER e WILSON, 1995), este trabalho buscou apresentar o processamento da leitura como um processo de base inferencial. Para tanto, foi realizado um experimento com 7 (sete) sujeitos. Esses sujeitos responderam a uma atividade de leitura do IELTS que, conforme visto, demanda a identificação de informações codificadas no texto como *sim* (verdadeiras) ou *não* (falsas), e as não codificadas como *não dado*. Foi apontado que, embora não haja uma menção explícita à teoria de comunicação ou de linguagem subjacente ao IELTS, parece haver no teste uma tendência ao não fomento de leituras inferenciais e, portanto, pluralizadas. Isto, possivelmente motivado pela pretensão de objetividade e validade envolta na aplicação do teste.

Os resultados do experimento apontam que a distinção entre o *sim*, o *não* e o *não dado*, embora não pareça ser um problema para a maioria dos sujeitos, conforme eles mesmos apontam, constitui uma questão passível de ser problematizada, bastando, por exemplo, verificar o desempenho desses sujeitos e suas justificativas para a escolha das respostas. Conforme apontado, se a compreensão de leitura fosse somente uma questão de decodificação, sujeitos com leitura fluente em inglês não teriam problemas para decodificar e identificar a resposta correta; contudo, nem todas as respostas dos sujeitos do experimento que tinham esse nível de leitura condizem com as respostas gabaritadas do teste. Também, verificou-se haver justificativas comuns e outras destoantes entre os 7 sujeitos do experimento e a justificativa do gabarito, o que é outro indicativo de que a compreensão textual não se encerra no que está codificado no texto.

Por fim, espera-se ter demonstrado, com este estudo, que os significados codificados linguisticamente dependem sobremodo de processos inferenciais para serem processados.

Referências

ALVES, F. Teoria da Relevância e os Estudos da Tradução: perspectivas e desdobramentos. In: ALVES, F. (Org.). *Teoria da Relevância e Tradução: conceituações e aplicações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 15-33.

CARSTON, R. Implicature, Explicature, and Truth-Theoretic Semantics. In: DAVIS, S. (Ed.). *Pragmatics:* A Reader. Oxford: Oxford University Press, 1991. p. 33-51.

CARSTON, R. Explicature and semantics. In: *UCL Working Papers in Linguistics* 12, p.1-44. London: U.C.L. 2000.

CARSTON, R. *Thoughts and Utterances:* The Pragmatics of Explicit Communication. Oxford: Blackwell, 2002. p. 418.

GONÇALVES, J. L. V. R. Teoria da Relevância e Abordagens Conexionistas: reflexões sobre os conceitos de modularidade e processamento central na análise de processos inferenciais. In: ALVES, F. (Org.). *Teoria da Relevância e Tradução:* conceituações e aplicações. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 35-60.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Eds). *Sintax and Semantics*, v. 3. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

IELTS INFORMATION FOR CANDIDATES, 2012. Disponível em: <http://www.ielts.org/pdf/Information_for_Candidates_booklet.pdf>. Acesso em 5 de fevereiro de 2012.

LEVINSON, C. S. *Presumptive meanings:* the theory of generalizes conversational implicature. Cambridge MA: MIT Press, 2000.

RECANATI, F. The pragmatics of what is said. In: DAVIS, S. (Ed.). *Pragmatics:* A Reader. Oxford: Oxford University Press, 1991. p. 97-120.

SAHANAYA, W.; LINDECK, J.; STEWARD, R. *IELTS Preparation and Practice:* Reading and Writing - Academic Module. Melbourne: Oxford University Press, 1999.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance*: communication and cognition. 2 ed. Cambridge & Oxford: Blackwell, 1995.

SPERBER, D.; WILSON, D. Inference and implicature. In: DAVIS, S. (Ed.). *Pragmatics:* A Reader. Oxford: Oxford University Press, 1991. p. 377–393.

Recebido em: agosto de 2012.

Aprovado em: outubro de 2012.